

CO-DEPENDÊNCIA – A ESPOSA DO ALCOOLISTA

Neide Aparecida Zanelatto

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo

Orientador: Prof.Dr. Manuel Morgado Rezende

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Fundamentado em publicações científicas atualizadas, nas áreas de dependência química e co-dependência, o presente trabalho, tem como objetivo descrever qual é o comportamento da esposa do alcoolista, no que diz respeito às crenças, à forma de enfrentamento do problema, e ao tipo de conduta adotada por ela, quando do tratamento do marido. Observa-se que as pessoas de uma família estão tão intimamente ligadas, que parece mais válido analisar e compreender o problema levando em conta tais interações, do que focá-lo apenas em um indivíduo. Os padrões de interação podem tanto ser causa, quanto efeito do problema, de modo que contribuem para a manutenção do equilíbrio entre família e problema. A co-dependência consiste num comportamento problemático, desajustado ou doentio, associado à vida, ao trabalho ou a qualquer outra situação de proximidade de uma pessoa que sofre de dependência de drogas. Nos trabalhos realizados observa-se que numa situação de alcoolismo masculino, a pessoa que mais sofre diante da citada proximidade é a esposa deste. As esposas adotam alguns estilos de enfrentamento do problema: o afastamento, ataque, manipulação, a condução construtiva e a busca de ajuda construtiva. Estes estilos de conduta em geral aparecem mesclados, ou surgem numa seqüência na vida da esposa. Existem ainda outros comportamentos que não se encaixam nestes estilos. O tempo de duração do problema, a maneira como a mulher se defronta com a vida, bem como o tipo de comportamento que apresenta o marido alcoolista, determinarão qual o estilo de enfrentamento adotado.

PALAVRAS-CHAVE : alcoolista, esposas, co-dependência.

ABSTRACT

Supported by updated scientific publications written by authors recognised in the researches carried out in chemical dependence and co-dependence field, this paperwork intends to describe the alcoholic's wife behaviour concerning her beliefs, problem facing attitude and conduct adopted during her husband's treatment. It is noticed that the members of a family are so intimately linked that it seems wiser to analyse and understand the problem by taking into account such interactions rather than focusing the problem as one of the individual only. The interaction standards may be either the cause or the effect of the problem, in such a way that they contribute to keep the balance between family and problem. Co-dependence consists of a problematic, disturbed or ill behaviour, associated to life, work or any other situation of proximity to a person who suffers drug addiction. The paperworks available show that in a male alcoholism situation, the person who suffers the most through this proximity is his wife. Wives adopt certain problem facing style: the escape, the attack, the manipulation, the constructive carrying out, the search for constructive help. These conduct styles are generally mixed or appear in a sequence in the wife's life. There are other behaviours which do not fit those styles. The length of the problem, the way the wife faces life, as well as the kind of behaviour of her alcoholic husband will determine which problem facing style is adopted.

KEYWORDS: alcoholic, wives, co-dependence.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva descrever o papel que desempenha a esposa do alcoolista, com relação às crenças que ela possui a respeito do alcoolismo do marido, bem como analisar quais os estilos de enfrentamento da situação na qual ela está inserida.

Utilizando uma abordagem sistêmica, Barnes (1997), em uma análise onde são levados em conta os problemas no contexto dos relacionamentos mais íntimos e da rede social da qual o individuo faz parte, conclui que:

- pessoas de uma família estão intimamente conectadas, e o exame destas conexões pode ser uma maneira interessante de compreender e promover a mudança num

comportamento-problema, mais do que considerar a perspectiva de um único indivíduo.

- pessoas vivendo em estreita proximidade ao longo do tempo estabelecem padrões de interação constituídos por padrões de interação consideravelmente estáveis.
- os padrões de interação, crença e comportamentos observados e tratados pelos terapeutas podem ser compreendidos tanto como a causa quanto como efeito do problema : o equilíbrio entre o problema e a família.
- os problemas dentro dos padrões da vida familiar estão relacionados a uma adaptação inadequada a alguma influência ou mudança ambiental, que real, quer imaginária.

Vários trabalhos na literatura atual têm abordado a dependência de drogas como um fenômeno que afeta não somente o usuário, mas também seu sistema familiar, mostrando a importância do estudo do funcionamento relacional destas famílias . Pesquisas dedicaram-se a estudar de forma sistematizada, padrões de famílias ou casais tanto durante períodos de beber intenso, como em momentos de sobriedade. Foram realizados estudos comparativos entre famílias de dependentes de álcool com famílias de não-dependentes, observando-se o funcionamento familiar quanto à capacidade de comunicação, à expressão de afeto e à resolução de problemas. Conclui-se que o alcoolismo, apesar de seus efeitos debilitantes, pode ter um importante papel adaptativo e funcional no contexto familiar e marital (Formigoni e Silva,2001).

Observa-se no entanto, uma relação doentia entre a dependência e a co-dependência. O dependente que faz uso de determinada substância, e por isso causa prejuízos a si e a outrem, e o co-dependente que, querendo resgatá-lo, devido à sua conduta, mantém e agrava o quadro. É uma relação parasitária, em que um dos indivíduos se alimenta dos esforços emocionais do outro. Muitas vezes esta relação prolonga-se por anos, a ponto de ser considerada normal, por aqueles que dela participam.

O co-dependente, como qualquer outro indivíduo que apresenta e viva um comportamento disfuncional, não tem consciência de sua co-dependência e, quando se sinaliza esta disfuncionalidade, ele resiste em aceitar e defender-se. Para ajudá-lo, podemos tentar fazê-lo conscientizar-se de seus atos e perceber que é impossível viver controlando o outro, que isto o desgasta física, psicológica e espiritualmente (Lourenço, 2001).

A co-dependência é definida por Lawson (1999) como: **um comportamento problemático, desajustado ou doentio, associado com a vida, trabalho ou qualquer outra situação de proximidade de uma pessoa que sofre de dependência de drogas.** A vida do co-dependente gira em torno da questão: “Qual será a próxima crise?”

Toda a vez que a vida de uma outra pessoa é alterada ou perturbada, seja pela drogadição do filho, ou pelo alcoolismo do marido, seja pelo temor de que ele possa vir a usar tais drogas, o problema já não é mais apenas do dependente. Ainda de acordo com Lawson (1999), no caso do alcoolismo do marido, como a esposa é muito íntima deste, não há como não sentir os efeitos do hábito de beber, que de uma forma ou de outra, acabará alterando sua vida (da esposa), conforme a situação e a gravidade com que esta doença a atinge.

O fato de, numa família, existir alguém que faça uso abusivo de bebida alcoólica, aciona nos demais membros uma série de mecanismos que buscam resgatar a estabilidade perdida (Bertolote,1997). É sabido que, os filhos de um lar alcoólico podem acreditar que esta condição é culpa deles, e temem que esta condição venha a ser descoberta por outrem, de modo que evitam, a todo custo, falar dela a amigos ou parentes. A partir destas crenças os filhos desenvolvem comportamentos como o de *herói*: o filho responsável, que tem tudo sob controle; o *bode expiatório*: que se sente culpado pela situação, colocando-se em situações difíceis com frequência; o *alienado*: quieto e passa tanto quanto tempo for possível sozinho; e ainda o *mascote*: que é o palhaço da família (Lawson, 1999).

Mesmo sendo uma disfunção comportamental específica e previsível, que pode ocorrer com certa frequência em indivíduos emocionalmente ligados a dependentes de substâncias psicoativas, a co-dependência não tem recebido a devida atenção por parte dos profissionais da área de saúde mental (Toffoli et alli, 1997).

A esposa do alcoolista

Edwards (1987) faz referência a algumas teorias do “casamento alcoolista”. Uma destas teorias prevê que a esposa, de fato, deseja o marido alcoolista. Muitas destas esposas, tiveram pai alcoolista, e então se diz que, esta pessoa casa-se com um alcoolista esperando reeditar seus problemas dinâmicos não resolvidos.

Fortes (1975) postula que esposas de alcoolistas seriam dotadas de determinados traços de personalidade que as levariam para um casamento alcoolista, como uma espécie de predeterminação. Nestes casos, o homem seria um simples atributo social, e não disporia de nenhum direito na gestão da família e na educação dos filhos. Como Edwards, Fortes

acredita que esta esposa deseja inconscientemente que o marido beba. Fica satisfeita ao vê-lo inferior a ela e fraco. Toma conta das finanças da casa, gosta do papel de mãe ou de dominar e evidencia sempre que pode a forma como é maltratada pelo marido.

Diz ainda este autor que, muitas esposas de alcoolistas são mais velhas do que seus maridos, o que satisfaz as exigências de personalidade de ambos. Dele, que tem necessidade de apoiar-se na esposa em tudo e em todos os sentidos, e dela, que por sua vez, assume um papel de mãe, tolerando seu comportamento de beber excessivo.

Conforme Lawson (1999), entre as esposas de alcoolistas são comuns crenças de que o único que tem problema é o marido alcoolista, negando qualquer possibilidade de que ela também já tem sua vida e seus comportamentos alterados em função da doença do marido; de que ela pode controlar o quanto o marido bebe, procurando vigia-lo para ver aonde ele vai e quanto bebe, controlando a quantidade de drinques em uma festa, etc.; ou ainda de que o alcoolista não é responsável pela sua doença, colocando toda culpa na substância utilizada. É comum ouvir: “Ele não é assim, é o álcool que o transforma”. Nesse caso, ele precisa ser cuidado.

Estas crenças – *negação, controle e facilitação*- dificultam a compreensão do problema, por parte da própria esposa, bem como a busca de soluções adequadas.

Cada esposa, no entanto, adota um estilo de enfrentamento da situação, que devem ser identificados em cada caso especial. Esta identificação é muito importante no processo de intervenção terapêutica.

Segundo Edwards (1987), estes estilos podem ser classificados em:

Afastamento – o contato é minimizado ao extremo – há uma esquiwa emocional e física.

Ataque – existe, por parte da esposa, uma tentativa de controle do comportamento do marido, através de brigas, gritos, ameaça de abandoná-lo ou até mesmo agredindo-o fisicamente.

Manipulação – envolve comportamentos como o de envergonhar seu marido, pelo seu beber exagerado, evidenciando seu desconforto como esposa ou acentuando o sofrimento dos filhos. Neste tipo de estratégia, a esposa pode chegar a embriagar-se, com o objetivo de que o marido veja como ele age quando está bêbado.

Mimar – a esposa cuida do marido alcoolista durante suas ressacas, mantém sempre o jantar aquecido para ele, quer este chegue sóbrio ou embriagado, e lhe promete benefícios especiais, se houver melhora do comportamento.

Condução construtiva - a esposa mantém seu próprio sentimento de auto-estima. Protege e cuida da família, certifica-se das condições em que se encontram as finanças, e, se necessário, procura um emprego. Esta esposa, cuida da saúde emocional e da vida prática de sua família, de forma a minimizar os efeitos do uso abusivo de bebida alcoólica por parte do marido, em seu lar.

Busca de ajuda construtiva – é caracterizada pelo comportamento de procurar o médico da família, pedindo-lhe que discuta com o marido sobre esta situação, ou buscando conhecer grupos de ajuda mútua, para si e para seu marido. Deixar material impresso para que o marido possa ler, em resumo, procurar conhecer melhor o problema que enfrenta o marido,

e a partir deste conhecimento, desenvolver formas mais eficazes de ajuda, são algumas das atitudes que caracterizam este estilo de enfrentamento do problema.

Ainda segundo este autor, os estilos acima citados, nem sempre ocorrem exatamente como descrevemos. É possível, que um ou dois se misturem, bem como existem alguns tipos de comportamento, que não se encaixam nos estilos descritos. A escolha de um ou outro modo de enfrentar a situação, dependerá de como a mulher em particular, se defronta com a vida, em função das expectativas de classe, do tempo de duração do problema, e do tipo de comportamento específico que apresenta o marido.

Apesar de que os dois últimos estilos apresentados, evidenciem uma postura mais consciente da esposa em relação à realidade vivenciada, análises multivariadas mostram que variáveis associadas a esposas não foram consideradas importantes como preditivas da motivação do marido em buscar tratamento (Zeller,2000).

A esposa busca resgatar a estabilidade dentro da família, no entanto, as dificuldades sobrevêm do fato, de que ela tem que lidar com problemas tanto ao nível emocional quanto aos do nível de realidade. Os problemas emocionais envolvem angústia, medo e infelicidade. Há ainda os questionamentos a respeito de si mesma: será que fui boa esposa, será que falhei sexualmente. Nota-se frequentemente um sentimento de privação emocional e de perda: o homem com quem se casou, desapareceu. Surgem sentimentos de desvalorização. No âmbito sexual, estudos mostram que mulheres de alcoolistas apresentam dificuldades em usufruir sua sexualidade (Martins,1994).

Ao nível de realidade, os problemas se mostram concretamente ameaçadores: risco de despejo, falta de dinheiro para as despesas mais urgentes, vizinhos que se queixam do

barulho, discussões constante, ciúme excessivo do marido. E há ainda o risco da violência, que pode resultar em lesões graves (Edwards,1987).

Quigley e Leonard (2000) relatam que a ocorrência de violência por parte de maridos dependentes de álcool, no primeiro ano de vida de casados, é preditiva de violência conjugal nos anos consecutivos. Quando não ocorre a violência física, mas a agressão verbal é freqüentemente, no primeiro ano, há predição de violência física para os anos que seguirem. Os episódios de violência são mais freqüentes nos casais em que o marido é um bebedor pesado, e a esposa não faz uso de bebida.

Em estudos realizados na década de 70, observou-se que nos casos de violência em relação às esposas, o álcool estava presente em 60% dos casos na hora do ataque, misturado a anfetaminas em outros 20% dos casos e ocasionalmente em 10% das situações em que ocorreram violência. Estima-se, portanto que, de 70 a 80% dos casos de violência contra esposas estão seriamente relacionados ao uso nocivo ou dependência de álcool. Embora não haja dúvidas de que álcool e violência familiar sejam coisas fortemente ligadas, os especialistas não podem afirmar que o álcool possa ser a causa do espancamento de esposas, pois existem famílias onde os maridos bebem sem jamais terem se tornado violentos (Levy e Langley, 1980).

Um aspecto já citado, e que tem relação direta com a vida conjugal do casal, afetando portanto, de forma muito importante, a vida da esposa do alcoolista é o chamado *delírio de ciúmes* (Dalgarrondo,2000). Geralmente, o paciente começa a acreditar que sua companheira o trai com muitos homens (seu melhor amigo, toda a vizinhança). Inúmeras vezes este delírio se insere em uma dinâmica social e conjugal particular. O paciente, que

já é dependente do álcool, há meses ou anos, perdeu seu interesse sexual pela esposa (como já dissemos: a bebida alcoólica ocupa o primeiro lugar em sua vida), pode apresentar dificuldades para a ereção, está desmoralizado pelos filhos. Dentro de todo este contexto, para o alcoolista, o ciúme tem justificativa plena.

A relação conjugal desempenha papel preponderante, no contexto em que se insere o alcoolista, sendo que dados de pesquisas apontam para o uso de bebidas alcoólicas como uma forma de esquecer problemas afetivos, principalmente a infidelidade da mulher durante o relacionamento conjugal. A traição da mulher aparece como uma tragédia na vida do sujeito, levando o indivíduo a romper com sua vida sedentária, e ao uso do álcool (Nascimento e Justo, 2000).

Inserida num contexto de grandes dificuldades de relacionamento, a esposa, cita Edwards (1987), é um informante importante a respeito da condição em que se acha o marido, no caso de investigação para indicação do tipo de intervenção terapêutica adequada. É necessário ressaltar que, o relato da esposa pode se afastar do que poderia ser razoavelmente considerado como a verdade independente e objetiva. Ela pode tanto exagerar, ao falar do padrão de ingestão alcoólica do marido, piorando sua reputação, bem como insistir em que tudo está bem, por medo da reação do marido ou até por razões inconscientes. Muitas vezes, a esposa nem sabe dos problemas ou dificuldades que o marido tem enfrentado na realidade.

CONCLUSÃO:

A co-dependência, apesar de ser uma disfunção comportamental, que ocorre em indivíduos que estão emocionalmente ligados a usuários de substâncias psicoativas, sejam parte da família nuclear, ou mesmo amigos próximos, é um assunto que com certeza será mais

aprofundado, visto que se conclui claramente que a inserção da família no programa de tratamento do dependente de substâncias, é de fundamental importância como elemento motivacional, no processo terapêutico. No caso específico da dependência de álcool, a esposa do alcoolista, em função de sua intimidade com o portador desta síndrome, é a que mais sofre as consequências desta doença. A situação específica vivenciada em cada caso particular, como tempo de convivência com o alcoolista, atitudes de agressão por parte deste, pressão sofrida pelo grupo social, bem como características de personalidade, irão determinar o estilo de enfrentamento adotado por estas esposas. São necessários estudos futuros que determinem a existência de um padrão de comportamento que, efetivamente possa contribuir na adesão ao tratamento por parte de cônjuges alcoolistas. O conhecimento de comportamentos mais adequados à situação, podem servir como orientação às famílias, facilitando a adesão ao tratamento, e resgatando a estabilidade perdida.

REFERÊNCIAS :

BARNES,G.G. *Forças e Vulnerabilidades Pessoais no Contexto Familiar e Social* in: *Psicoterapia e Tratamento das Adições*. Porto Alegre.Ed.Artes Médicas,1997.p.42-43.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*.Porto Alegre. Ed.Artes Médicas,2000. p.212-215.

EDWARDS,G. *O tratamento do Alcoolismo*. São Paulo . Ed.Martins Fontes, 1987.

FORMIGONI, M.L.O. S. e SILVA,E.A.- *Escala de Avaliação do Funcionamento Familiar em Farmacodependências* in:Escalas de Avaliação Clínica em Psiquiatria e Psicofarmacologia. Ed. Lemos,2001.

FORTES,J.R.A. *Alcoolismo*. São Paulo.Ed.Sarvier, 1975.

LANGLEY,R. e LEVY,R.C. *Mulheres Espancadas: Fenômeno Invisível*. São Paulo. Ed.Hucitec, 1980.

LAWSON, T. *Alcoolismo – uma orientação para as famílias*. Ed.Raboni, 1999.

LOURENÇO,R.A. *Como superar a co-dependência*. Palestra proferida no V Congresso Nacional de Amor Exigente em Goiânia, GO, 2001.

MARTINS,P.C.R. Considerações sobre como mulheres de alcoolistas vivenciam sua sexualidade. *Revista Médica Hosp. São Vicente de Paulo*, jul-dez. 6(15):19-21.1994

NASCIMENTO, E.C. e JUSTO, J.S. Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma questão social
Revista Reflexão e Crítica,13 (3) p.529-538. 2000.

QUIGLEY, M.B. e LEONARD, K.E. Alcohol and the continuation of marital aggression.
Alcohol – Clinical and Experimental Research.,Vol.24. nº 7,pp.1003-10, 2000.

TOFFOLI,A.; WANJSTOCK,A.;MANTEL,M.M.B; BISCAIA, M.F.C.;BISCAIA,M.J.S.
Co-dependência: reflexão crítica dos critérios diagnósticos e uma analogia com o mito de
Narciso e Eco. *Inf. Psiquiátrico* 16(3); 92-7, jul-set. 1997.

ZELLER,M. Gender differences in how intimate partners influence drug treatment
motivation.*Journal of drug Issues*.vol.30.nº 4.pp.823-830.2000.